

Sobre o suicídio

Lincoln Moraes de Souza – UFRN

MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2006.

Recentemente, na França, em dois anos 34 trabalhadores da empresa France Télécom se suicidaram, como ressalta Campelo (2009/2010). Isto decorreu, fundamentalmente, da privatização da empresa e das subseqüentes metamorfoses nas condições de trabalho e seus efeitos na vida dos funcionários: predomínio da lógica financeira e do lucro na nova empresa; demissão de 70 mil empregados; mudança nas funções, ou seja, antes a maioria era de técnicos e estes passaram a ser lotados no setor comercial e de vendas; sensação de uma carreira perdida; residência em outra cidade com o fechamento de várias agências; perda da ligação afetiva com a antiga empresa estatal; humilhação e controle violento sobre o cotidiano dos trabalhadores no interior da empresa; gestão individualizante isolando os funcionários. Tudo isto, gerou insegurança, depressão, estresse e ... suicídio.

O mesmo sistema capitalista que levou os trabalhadores franceses ao suicídio, na sua voragem de lucro produz, simultaneamente, outras formas de morte. E é quase impossível não lembrar de Gregor Samsa, o personagem transpassado pela tragédia e que, à sua própria revelia, foi condenado e acabou triturado pelo sistema. Pelo sistema capitalista, diga-se de passagem, embora Kafka (2005), no seu romance *A metamorfose*, não teça maiores comentários sobre o perfil sócio-econômico da sociedade. Também pensamos em Durkheim (1973), no seu estudo clássico sobre o tema, quando ele aponta a intenção do ato da vítima e, nas suas palavras, a natureza eminentemente social do suicídio.

No caso deste pequeno livro que estamos resenhando, uma ressalva é necessária. Na verdade, ele não foi totalmente escrito por Marx, mas representa seus acréscimos, comentários e observações

sobre o texto de Jacques Peuchet. Daí, Michael Lowy, num texto introdutório incluído no livro, o ter chamado corretamente de ensaio Marx/Peuchet.

Várias coisas imediatamente nos chamam a atenção. A primeira delas e um tanto paradoxal, é que o livro, ao que parece, chamou pouco a atenção no Brasil, mesmo sendo publicado no país em 2006 e daí a importância de (re) comentá-lo. A segunda, é a atualidade de Marx, apesar das inúmeras e enfadonhas tentativas, felizmente inócuas, de lançá-lo no ostracismo. A terceira, como assinala Lowy, é que o assunto é tratado de modo que extrapola a economia e a política, entra no chamado âmbito privado, analisa vítimas não proletárias e aponta, claramente, a sociedade burguesa preconceituosa e patriarcal como doente.

Em relação ao foco do livro, ele é centrado especialmente na repressão sobre as mulheres, o tratamento dispensado a elas como propriedade privada e seus suicídios. E é lembrado que o suicídio, mesmo tendo sua origem principalmente na miséria, estaria também presente em todas as classes e, desta feita descreve-se e critica-se a tragédia de mulheres e homens no geral. Vejamos os exemplos dados: a filha de um alfaiate, após ter relações sexuais com o noivo antes do casamento e ser repudiada e humilhada pelos pais, termina jogando-se no rio Sena; uma jovem esposa de um homem rico e doente é torturada pelo ciúme doentio deste, afoga-se e seu corpo foi achado próximo da praia de Argenteuil; um jovem prefere suicidar-se do que participar de um duelo; uma jovem engravida do marido de sua tia e resolve afogar-se; um guarda da casa do rei foi afastado, não conseguiu reincorporar-se às forças armadas, não consegue emprego em outras atividades, cai no desânimo e resolve se matar.

Mas deve-se reter, como indicado, que os suicídios apontados, se não foram exclusivos de trabalhadores e trabalhadoras, são típicos de uma sociedade de classes e, predominantemente, da sociedade capitalista. Além do mais, os casos citados são representativos. Tomando-se o ano de 1824 em Paris, ocorreram 371 suicídios, não obstante a maioria seja de homens. Entretanto, o tipo de morte mais presente é por afogamento voluntário e entre os motivos mais importantes está a depressão.

Além do mais, é lembrado no livro que, diferente da situação da sociedade capitalista da época, os tártaros não se suicidavam. Alguns dos argumentos usados sobre o assunto, registra-se, não resolvem as tragédias. Os comentaristas religiosos, por exemplo, especulariam sobre um mundo

melhor e, os que não acreditam em nada procurariam, a tranquilidade do nada. Mas estas considerações filosóficas e outras das pessoas, observa-se, não chegavam a afetar os suicidas e nem os impedia da decisão de tirar a vida.

Ora, como afirmava Durkheim (1973), o suicídio é algo eminentemente social e, complementaríamos, histórico. Algumas pessoas, como os trabalhadores da France Télécom, foram levados ao suicídio diretamente pelas relações de trabalho no interior das empresas capitalistas. Outros, no caso de Gregor Samsa, o personagem trágico do romance de Kafka (2005), foi metaformoseado simbolicamente numa barata e suicidado, de uma maneira ou de outra, pelo cotidiano do sistema capitalista. Quanto às vítimas analisadas por Marx/Peuchet, tiveram seu desfecho vinculado, fundamentalmente, de um lado pela visão da mulher como propriedade privada burguesa e, de outro, pela questão do desemprego.

De qualquer forma, repetindo, o problema é mais profundo e as soluções mais radicais como se pode, direta ou indiretamente, depreender do livro. Mas cabe ao leitor decidir. Mesmo assim, desejamos uma leitura atenta e uma boa revolta contra o sistema que gera os suicídios e outras tragédias.

REFERÊNCIAS

CAMPELO, Erika. France Télécom: delírio financeiro e funcionários suicidas. **Brasil de Fato**, São Paulo, p. 10, 31 dez. 2009 a 6 jan. 2010. Entrevistador Ivan du Roy.

DURKHEIM, Emile. **O suicídio**. Lisboa: Editorial Presença, 1973.

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Porto Alegre: Editora Rígel, 2005.